

NÃO ESTAMOS EM CASA: ABORDAGENS A O MULO, DE DARCY RIBEIRO**WE ARE NOT AT HOME: APPROACHES TO O MULO, BY DARCY RIBEIRO**Geraldo da Aparecida Ferreira
Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo: A perda do *sentido de si*, estável como sujeito integrado, vem ocasionando o deslocamento e a descentralização do indivíduo. Entendemos que a constante mobilidade e as migrações, forçadas ou não, contribuem para esse quadro. Conseqüentemente, na modernidade, notamos uma mudança significativa nos conceitos de identidade e subjetividade. Argumenta-se, nesse sentido, que, desde a virada do século XIX, o ser humano vem assistindo ao lento processo de fragmentação e fragilização da sua subjetividade, de que é o sujeito de si mesmo e da sua história. Neste artigo buscaremos discutir essas questões através da abordagem do romance *O mulo*, de Darcy Ribeiro.

Palavras-chave: Migração. Identidade. Fragmentação do sujeito. Errância.

Abstract: The loss of the sense of self once stabled as an integrated subject has been causing displacement and decentralization of the individual. It's understandable that constant mobility and how migrations, forced or not, contribute to this situation. Nowadays we consequently notice a significant change in the concepts of identity and subjectivity. In this regard it is argued that since the turn of the 19th century, the human being has been witnessing a slow process of fragmentation and fragility of their subjectivity as the subject of self and their history. In this article we'll seek to discuss these issues through the approach of the novel *O mulo*, by Darcy Ribeiro.

Keywords: Migration. Identity. Fragmentation of the subject. Wandering.

Não sou de nenhum lugar
Sou de lugar nenhum
Não sou de nenhum lugar
Sou de lugar nenhum

Não sou de São Paulo
Não sou japonês
Não sou carioca
Não sou português
Não sou de Brasília
Não sou do Brasil
Nenhuma pátria me pariu

Titãs

1. Introdução

Os constantes deslocamentos a que estamos sujeitos ao longo de nossas vidas aliados às bruscas transformações que ocorrem nos espaços urbanos e rurais que conhecemos podem nos levar a um sentimento angustiante de “estar deslocado”, de uma falta de identificação com o local de origem, de perda das raízes que nos ligam a um determinado espaço. São aspectos como esses que nos levaram a apresentar este artigo, em que buscaremos apontar sinais desse “desenraizamento” que o protagonista do livro *O mulo*, de Darcy Ribeiro apresenta em sua narrativa.

Uma das obras mais instigantes de Darcy Ribeiro é o citado romance *O mulo*, publicado em 1981. A narrativa do personagem principal, a princípio inominado, perpassa toda a sua existência, desde uma infância miserável até se tornar grande proprietário de terras. Darcy Ribeiro, no seu livro *Confissões*, analisa que em *O mulo* procurou retratar a enorme desigualdade social existente no interior do país. Fala de uma enorme ganância dos grandes latifundiários e a forma brutal como são tratadas as pessoas que dependem daqueles poderosos:

É ou quer ser o retrato romanesco de nossa classe dominante rústica, em toda a sua bruteza de gastadores de gente no trabalho, em sua fome insaciável de terras latifundiárias em seu desejo de poder. [...] Além da espoliação de sua força de trabalho e de toda a sorte de opressões a que são submetidos, nossos caipiras sofrem um roubo maior, que é o de sua consciência. O patronato rural se mete em suas mentes para fazê-los ver a si mesmos como a coisa mais reles que há. Guardo em mim recordações indeléveis das brutalidades que presenciei de minha gente mineira e por todos esses brasis contra vaqueiros e lavradores que não esboçam a menor reação. [...] *O mulo* foi para mim mais uma ocasião dessas em que não perco de testemunhar o quanto somos um país enfermo de desigualdade. Se as relações inter-raciais são mais fluentes entre nós que em outras partes – apesar do peso do preconceito que reina aqui –, as relações sociais no Brasil são infranqueáveis. A distância que separa os ricos dos pobres é abismal.¹

1 RIBEIRO, 1977, p. 512-513.

2. Subjetividade em tempos de migrância, errância e exílio: a troca de “couros”

Além do aspecto reconhecidamente de denúncia de uma realidade desumana existente nas regiões remotas do Brasil, um outro tema que nos interessa no romance de Darcy Ribeiro é a questão da falta de referências que possam ajudar o protagonista a se identificar como pessoa. Ele perde a mãe muito cedo, não tem certeza de quem seja o seu pai, sequer tem um nome oficial:

Lá fui eu, salvo, na garupa de Salatiel decidir minha sina com o capitãozinho Duxo, dono daqueles descampados. [...] Aí perguntou meu nome, Salatiel repetiu a pergunta, eu respondi: Trem. Ele: Terem? Insisti: Trem! Ele: Terezo? Eu: Terezo. Terezo é o nome dele, decidiu seu Duxo.²

Assim o narrador, que mais tarde assumirá o nome de Philogônio de Castro Maya, passa a registrar em um texto confessional todos os seus crimes e atrocidades que o levaram a ser um rico fazendeiro. Agora no final da vida ele busca uma forma de redenção, de um perdão divino para a sua alma. Para isso um dos seus empregados teria que encontrar um padre que seria seu intercessor junto a Deus. Como pagamento pela remissão dos pecados, o padre herdaria todos os seus bens.

Dentro dessa bem urdida trama, detectamos constantes transformações e deslocamentos do narrador, ora fugindo de algum crime, ora desertando do serviço militar. Esses constantes deslocamentos vão contribuindo para a formação de uma identidade fragmentada, disforme:

Quem sou eu, de tantos que fui? Sou todos eles e sou eu só. Não sou nenhum. Cada um foi ele, até a véspera do dia em que pariu o outro; que ele não tinha dentro de si, senão como vaga possibilidade. Isso foi o que me sucedeu. [...] Sou como cobra, de tempos em tempos mudo o couro, ganho novo pelame.³

Ao fazer referência direta a aspectos decisivos em sua vida, o protagonista nos coloca diante da ideia de travessia, de mudança, de diáspora. A mensagem que esse trecho nos traz é bastante significativa. O narrador está

²RIBEIRO, 2007, p. 51.

³RIBEIRO, 2007, p. 140.

deixando para trás – mesmo que simbolicamente nesse momento – sua infância, suas referências de pertencimento e abrindo-se para um novo mundo, num sertão cheio de desafios e de oportunidades. Claro que muitas decepções e tristezas o aguardam, mas é emblemática a troca de “couros” a que faz referência. A mudança de personalidades, aqui metaforizadas por troca de couros, acompanha os novos locais a que o narrador tentava se estabelecer. A cada fracasso, novo deslocamento e novo “pelame”.

Poderíamos concordar com Pòvoa Neto que aponta vários motivos que levam à mobilidade humana, e dentre eles, a busca pela sobrevivência.⁴ A falta de oportunidade de empregos ou a fome fariam parte desse funesto elenco. Tudo isso ocorre com o protagonista do romance em questão e já justificaria suas constantes jornadas. Entretanto, acreditamos poder aprofundar um pouco mais em nosso estudo e para isso recorreremos a outros conceitos.

Uma definição que nos interessa neste momento é o de “errância”, estudado por Rita Olivieri-Godet:

Os deslocamentos no próprio conceito de errância aproximam-no das figuras da migrância, da deriva, da viagem, do exílio, da diáspora cada vez mais presentes nos discursos sociais, e na produção literária de nossas sociedades atuais marcadas pelas mobilidades transculturais questionando as noções de afiliações identitárias e culturais. O rico simbolismo da errância e de seus desdobramentos em diferentes facetas manifesta-se tanto na sua dimensão exterior, como deslocamento físico, quanto na dimensão interior e ontológica que a ela se sobrepõe: errância como busca de um alhures, viagem existencial imprevisível em busca da alteridade reveladora, do “estrangeiro que nos habita” (KRISTEVA, 1998), parte errática do eu não assimilável; errância que associa o processo de reconstrução do eu à experiência do diverso, do Outro, da diferença cultural em textos que abordam a temática das migrações.⁵

Reforçando esses posicionamentos de Olivieri-Godet, recorramos a um conceito mais amplo de exílio defendido por Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio*, quando considera que qualquer pessoa impedida de voltar para casa é um exilado.⁶ Baseados nestas duas definições para exílio e errância, acreditamos estar autorizados a estender essas ideias para o livro de Darcy Ribeiro.

4 PÒVOA NETO, 2010, p. 410.

5 OLIVIERI-GODET, 2010, p. 190.

6 SAID, 2003, p. 52.

O exílio em questão estaria na relação, ou na não-relação, que o narrador possui com a antiga terra natal e a impossibilidade de a ela retornar. O nosso protagonista deixa o lugar em que nasceu para se aventurar pelos sertões bravios. Pode parecer que estejamos abrindo excessivamente o conceito para exilado, o que possibilitaria encaixar a qualquer um nessa condição. Não é nossa intenção, entretanto, a ideia de errância, não só na perspectiva exterior, física, mas principalmente na dimensão interior, na busca de uma identidade cultural, escancara a possibilidade de sermos todos “errantes”, e por que não, exilados.

Essa travessia – como vimos, não só geográfica – se estende à condição do protagonista. De uma criança órfã e muito pobre, passará por um forçado estágio de amadurecimento para, por fim, tornar-se um poderoso fazendeiro. Acreditamos que podemos fazer uma alusão à condição que Stuart Hall chama de “estrangeiro familiar”.⁷ Nosso protagonista deixa um lugar em que não se sente mais aceito, e sai em busca de um novo contexto. Ele, depois de diversas tentativas, vai acabar se adaptando à vida em sua fazenda dos Laranjos, sem, porém, conseguir se integrar de forma absoluta à nova condição. Assim como define Hall, o nosso protagonista passará a conhecer vários lugares sem pertencer integralmente a nenhum deles.⁸

Dentre os aspectos que podem ser relacionados com a desestabilização identitária do sujeito, entendemos que as constantes migrações que nosso protagonista realizou, contribuíram decisivamente para a sua falta de identificação com a pessoa que se tornou.

Darcy Ribeiro, assim como o seu protagonista, também viveu situações de deslocamentos, de viagens e de exílio. Ele foi para Belo Horizonte aos dezessete anos, estudar medicina. Como percebeu que não tinha vocação, partiu para São Paulo. Devido a seu ativismo político foi exilado após o golpe militar de 1964. Naquele período morou no Uruguai, no Chile, no Peru e na Venezuela por doze anos, quando retornou ao Brasil. Esse estado de “migrância” contribuiu – acreditamos que decisivamente – com o processo de rompimento com a terra em que nasceu, de “desenraizamento”. Darcy Ribeiro, em *Confissões*, fala de certo estranhamento ao retornar a sua cidade natal, depois de passados alguns anos:

7 HALL, 2003, p. 415.

8 HALL, 2003, p. 415.

Montes Claros de eu menino se orgulhava de ter mais de 20 mil habitantes. Cresceu tanto que supera agora os 200 mil. Coitada. Daqueles vinte, um quarto vive no casco da cidade. O restante nos arredores: Roxo Verde, Cintra e outros. A cidade antiga expandiu-se tanto que esgarçou. Não sobrou nenhum dos prédios mais velhos. Apenas uns sobradões e a catedral velha lembram a antiga grandeza. Quando vou lá fecho os olhos e abro os da memória para ver minha cidade como tal qual era. Montes Claros só existe de fato dentro de mim, como coisa pensada.⁹

A constatação das marcas que a indefectível passagem do tempo exerce sobre as paisagens, cidades e ambientes fica patente nesse excerto do livro de Darcy Ribeiro. A cidade tal qual ele conheceu só existe agora em suas lembranças. A memória fluida e frágil não se configura como ferramenta confiável para reter, de forma definitiva, tais imagens e, por isso, as referências de pertencimento começam a se tornarem esmaecidas, esfumaçadas. Os romances do escritor mineiro, recorrentemente, abordam essa temática da perda de referencial cultural, de sentir-se como “um peixe fora d’água”, mesmo estando no lugar em que nasceu. Pensamos não ser um pensamento forçado imaginarmos que a repetição desse tema em sua obra romanesca reflita alguma angústia existencial do sujeito histórico.

Do citado artigo de Rita Olivieri-Godet recortamos um outro conceito interessante, o de “migrância”:

No ensaio *L'esprit migrateur. Essai sur l'ê non-sens commun* (2005), Pierre Ouellet desenvolve o conceito de migrância buscando dar conta das mutações da subjetividade no contexto das nossas sociedades pós-coloniais, no qual, por razões diversas, políticas, econômicas culturais ou outras, o ser humano vive em deslocamento. Deslocado, desabrigado, o homem não possui mais um lugar onde possa se sentir em casa (*chez lui*). A migrância não diz respeito apenas à travessia física dos territórios. A esta dimensão exterior da migrância como deslocamento físico, sobrepõe-se a dimensão interior, ontológica e simbólica da migrância, o deslocamento do “Sentido do Ser” (*du Sens de l'Être*).¹⁰

A afirmação de Olivieri-Godet vai ao encontro da passagem citada acima. Philogônio Maya vai tentando se adequar a cada novo local em que chega, assumindo posturas e até identidades que não lhe pertencem em busca de

9 RIBEIRO, 1997, p. 15.

10 OLIVIERI-GODET, 2010, p. 192.

adaptar-se ao ambiente. A sua subjetividade perde-se num labirinto de indefinições e de falta de referências.

3. Travessias de paisagens, travessias de vida

O narrador de *O mulo*, após ficar alguns anos na fazenda das Cagaitas, onde aprendeu “a ser homem”, foge dali após cometer um crime do qual se arrependerá para sempre – a castração de um cachorro, enquanto ele “cruzava” com uma cadela, o que levou o cão à morte – aliás, o único delito do qual se arrepende realmente de ter cometido. Chega à cidade de Grãomogol, onde é roubado e preso, por estar com uma nota de grande valor, que havia ganhado do amigo, seu Romildo, no momento da fuga. Ele acaba se adaptando a vida na prisão, já que passou a gozar de uma situação de “meio preso e meio soldado”. A amizade com o cabo Vito mudou a sua percepção da vida. Apesar de explorá-lo com muito serviço, chamou a sua atenção para novas possibilidades:

Foi no convívio com o cabo Vito que eu me achei nesse mundo, me expliquei. [...] Com o cabo, mais senhor meu que eles todos, mas também amigo como eu não tinha tido antes, tão efetivo, nem tive depois, eu me encontrei no que já era sem saber. Comecei a adivinhar que aspirava ser eu, me fazer. Sem que ele dissesse me falasse, entendi que eu, capiau das Cagaitas, não era ruim de nascença, nem apoucado, nem incapaz. [...] Quando viu que eu tinha aprendido ligeiro a ler, a fazer contas e a calcular volumes de madeira, começou a me tratar já não como piolho-de-meganha, mas como meio gente.¹¹

Seguindo conselhos do cabo Vito, o narrador se alista no exército e é enviado para São João Del Rey. Ali se tornou cuidador dos cavalos e começou a perder alguns costumes que trazia da roça, como pedir a bênção a todos. Conheceu o cabo Philogônio, de quem quase se tornou amigo e, futuramente, de quem herdará o nome:

Acompanhando um fardado, quase fui amigo, o cabo Fi, que era dali, fui a festas, arranjei namorada e quase noivei. O cabo, por seu nome esquisito, Philogônio, teria muita importância na minha vida, pelo que nunca haveria de pensar, que foi me dar o nome. Às vezes penso que até vesti a peçonha dele.¹²

11 RIBEIRO, 2007, p. 98-100.

12 RIBEIRO, 2007, p. 128.

A vida no exército transcorria normalmente, até ter contato com o sargento Crespo, conhecido por abusar sexualmente dos recrutas. Apesar de muito relutar, o nosso protagonista acaba cedendo aos desejos do sargento. Como a prática começava a se tornar rotineira e como sentiu que estava começando a gostar das relações homossexuais, o narrador deserta do serviço militar. Comete mais um crime, roubando e matando um comerciante e foge para Paracatu.

Naquela cidade mineira assume sua nova identidade, Philogônio Maya. Compra uma boa quantidade de produtos para revenda e parte para o interior de Goiás:

Escapando da vida militar que tanta ilusão de grandeza me deu, não caí outra vez em mim no que parecia ser minha sina; a vida de roceiro, enxadeiro, pobre. Escapei dela para ser outro que eu nem sabia quem era. Naquela hora, naquele lugar, eu podia descaminhar. Procurando rumo mais para o norte, teria dado em sertanejo andejo, jagunço. Quem sabe, cangaceiro. Mais para o sul, seria baiano em vida de capiau paulista. Operário talvez. Como dei de andar mais para o centro, escapei destes destinos. Vim ser outro eu possível entre tantos que cabiam na minha sina elástica. Isso que eu sou resulta tanto de mim com minha cara e coragem como da sorte ou azar de que não desci nem subi. Andei reto. Para o oeste. Para a frente, para o fundo deserto do Brasil. Assim é que fui dar em mim.¹³

Interessante destacar desse fragmento, para além da questão do acaso que definiu o futuro do personagem, uma fina crítica à falta de opções para o povo do sertão. Ser explorado pelos proprietários dos grandes latifúndios, ou pelos donos das indústrias, quando se decide a migrar para a cidade. Negando-se essas duas condições de subemprego, restam opções de viver como mendigo ou bandido. O protagonista de Darcy Ribeiro deixa ser levado pelo destino e acaba encontrando um caminho para o enriquecimento, baseado em crimes absurdos e contravenções, tudo sob a leniência daqueles que deveriam proteger aos menos favorecidos.

Philogônio Maya não aparenta ter tido grandes alegrias em sua vida errante, apesar disso, sua peregrinação em busca do enriquecimento, parece

13 RIBEIRO, 2007, p. 155.

também ser a procura por uma identidade própria, já que não possuía vínculos com a terra natal para serem rompidos. Como defendeu Ouellet, em trecho citado do artigo de Rita Olivieri-Godet acima, o deslocamento, a migrância é algo que transcende a mudança do espaço físico, atingindo a essência do sujeito, desestabilizando-o. A terra natal vai perdendo o sentido de raiz, o protagonista tem dificuldade em se reconhecer como pertencente àquele espaço. Não por ingratidão ou esquecimento, mas por que o lugar em que nasceu não existe mais como o conheceu e nem ele é o mesmo. Hall nos auxilia nesta discussão:

Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, “não estamos em casa”.¹⁴

O protagonista de *O mulo*, a despeito de ter viajado para muito longe para ter sua vida indelevelmente modificada, comunga com o sentimento de “não-pertencimento” a nenhum dos locais pelos quais vagou, sentimento que só aumenta com a passagem do tempo, e com as transformações ocorridas:

Viajar estradeiro, no meio dos homens, que encabeçam cada lote de tropa, é viver vivendo vendo viver, convivendo. Não se pode é parar. Parei. A estrada que tenho agora, diante de mim, seu padre, é só essa do retorno, por palavras, aos idos meus que não estão mais nesse mundo. Estão só no meu peito.¹⁵

Os lugares que conheceu não existem como o narrador tinha na memória. A passagem do tempo é inclemente e a tudo transforma. As viagens e os reencontros com as antigas formas e pessoas só é possível dentro da imaginação. Apesar dessa aparente vitória nas lutas pelo interior, nosso personagem não consegue definir-se como pertencente a um lugar específico.

Philogônio, após perder a esposa e se envolver em mais um assassinato, resolve viajar e visitar lugares pelos quais passou. Podemos entender essa nova peregrinação, além do objetivo escuso de fugir da acusação de morte, como uma procura por raízes da formação de sua personalidade. Entretanto, os resultados são decepcionantes:

14 HALL, 2003, p. 27.

15 RIBEIRO, 2007, p. 165.

Saí em busca de mim num viajem de ano e meio. [...] Em Belo Horizonte, a estação e o mercado eram os mesmos. A cidade é que cresceu desfolhada. O xadrez das ruas retas deitado na murraria virou um suplício. Um sobe-desce, cruza-recruza, que confunde demais. O casario alto é feio, fraco, frio. [...] Ali, um pouco, me achei porque tudo mudou um pouco. Ou mudou menos do que eu, o rapazinho aflito que tinha fugido de lá, sofrido. Vi bem que estar ali não me ajudava a recordar. O rapazinho, aquele, só estava em mim. [...] Esse mundo é um vendaval. Passados trinta anos, não fica nada. [...] No Lajedo só vi o lugar da casa onde cresci, restos dos currais de muleiro, e o sítio alto onde Lopinho morreu. De tudo mais, tão vivo e presente dentro de mim, não há mais nada.¹⁶

O desencanto com que a falta de índices que marcariam sua passagem por aqueles locais pelos quais passou, contribui, de forma consistente, para a propalada fragmentação, para o descentramento de uma identidade cultural. Esse sentimento se potencializa, atingindo em cheio a estabilidade identitária do narrador, fazendo-o questionar suas origens, e, por consequência, sua identidade, a validade de suas ações e o sentido de sua vida.

Rita Olivieri-Godet, no mesmo artigo mencionado anteriormente, usa o termo “migrância identitária” para abarcar um conjunto de autores que, através de seus textos, compõe um quadro de “desestabilização radical do sujeito”.¹⁷ Não nos parece temerário desejar incluir, se não o autor, pelo menos o romance aqui estudado nessa categoria. O protagonista migra para diversos ambientes com o objetivo de fugir de uma situação de miséria, se adapta à nova vida, encontra a riqueza, entretanto tem sua noção de identidade bastante desestruturada. Não que este último aspecto possa ser considerado apenas pelo viés negativo. As relações estabelecidas no convívio com os mais diversos tipos de pessoas e situações ampliam os horizontes do personagem. Entretanto, escancaram uma total desidentificação, desenraizamento do personagem: “Não tenho nenhuma cidade minha a que deseje retornar. [...] Não sou da cidade. Mas do mato também não sou. Onde sou? Não sou de lugar nenhum. Nem sou de ninguém”.¹⁸

16 RIBEIRO, 2007, p. 296-298.

17 OLIVIERI-GODET, 2010, p. 193.

18 RIBEIRO, 2007, p. 225.

No romance de Darcy Ribeiro, o narrador ressenha-se da falta do convívio com pais e parentes. As agruras da vida o impediram de criar laços de amizades. O casamento fracassado e sua esterilidade impediram a construção de uma família. Os relacionamentos com outras mulheres eram, basicamente, para atenderem às suas necessidades. A falência das relações interpessoais do protagonista também contribuiu para sua falta de identificação. Eurídice Figueiredo cita Charles Taylor, em seu artigo “Identidade Nacional e Identidade Cultural”, para tratar da identidade como algo ligado à ideia de reconhecimento:

[Ela] designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela (...). O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido.¹⁹

Figueiredo, na proposição acima, aponta para a necessidade do convívio com o outro para a formação de uma identidade. Seria através do contato com o outro que criaríamos a capacidade de nos reconhecermos como parte de um grupo, de uma tradição cultural. O nosso protagonista se nega a esse convívio ao longo de todo o romance e, ao final da vida, essa postura se recrudescer:

Envelhecer é isso. É ir restringido o mundo da gente, reduzindo a convivência, é ir-se resumindo até caber, inteiro, dentro da gente mesmo. Quando o recolhimento se completa, só resta morrer, e, enquanto não morrer, viver como eu vivo, pra dentro, enrustido. Ruminando idos vividos.²⁰

Restrito a sua vida na fazenda dos Laranjos, tendo por companhia alguns negros fugidos de outras terras e que passaram a tomar conta de sua frágil condição de saúde, Philogônio procura consolo numa resignação apenas aparente. Os rompantes do velho coronel são frequentes e a sua insatisfação com o final de sua vida solitária é latente.

19 FIGUEIREDO, 2005, p. 189-190.

20 RIBEIRO, 2007, p. 358.

4. Considerações finais

Neste nosso artigo, buscamos evidenciar a questão fragmentária da subjetividade do personagem principal do romance *O mulo*, de Darcy Ribeiro. Philogônio Maya encontra-se ao final de sua vida, acometido por uma doença incurável, mas com situação financeira abastada, o que poderia representar uma grande vitória para alguém que saiu da indigência e alcançou a fortuna, tornando-se um grande fazendeiro. Entretanto, ele não está feliz. Os métodos que adotou para alcançar a riqueza foram absolutamente questionáveis. Inúmeros assassinatos, crimes encomendados, invasão de terras, estupro de pessoas a ele subordinadas. Agora, que pressente a morte muito próxima, decide aliciar um representante da igreja católica para que interceda por ele junto a Deus, em busca da redenção de sua alma. Mas numa leitura mais aprofundada, encontramos outras questões que envolvem a situação fragmentária de sua subjetividade. Fugindo de lugar a lugar, não estabelecendo vínculos sociais e se fechando cada vez mais às relações interpessoais, ele começa a questionar-se acerca da sua identidade. Tanto ele foi, se adequando às exigências que cada nova migração reivindicava, que agora ele não consegue se definir. Por motivos como esse propusemos encaixá-lo numa condição de migrante/errante e até mesmo como um exilado, que não tem como voltar para casa, pois ele não se identifica com nenhum lugar. Ele Buscará, numa primeira viagem, o reencontro com suas raízes, mas fracassa, já que o tempo alterou tudo aquilo que poderia servir-lhe de subsídios para a edificação de uma identidade. Tenta agora uma viagem, através da escrita de suas confissões, usando a memória como ferramenta de reconstrução daqueles tempos passados. Nova frustração. Apesar da possibilidade de amenizar lembranças, inventar novos desfechos para fatos ocorridos, enfim, poder recriar uma história que torne a sua imagem menos perniciosa do que realmente é, ele reconhece a fragilidade da ferramenta escolhida, pois a memória é falha, seletiva e um retorno ao passado mostra-se impossível. Suas viagens, fugas, máscaras e constantes trocas de “couros” o tornaram alguém sem nenhum referencial para a formação de uma subjetividade que pudesse representá-lo com um mínimo de verossimilhança. O fracasso final da sua tentativa de redenção de sua alma, com a morte da única pessoa que

poderia encontrar o desejado padre, é somente a negação definitiva de uma possibilidade de instituição de uma imagem com a qual ele gostaria de se identificar.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. A formação de um intelectual diaspórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERNDM, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

PÒVOA NETO, Helion. O lugar da violência nos estudos sobre migrações e mobilidade espacial. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et al.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O mulo*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Breve currículo do autor

Geraldo da Aparecida Ferreira é graduado em Letras-Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em 2002. Mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), em 2007. Doutor em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2013. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: drama de atualidade, crítica social, crítica literária e teoria da literatura. Possui ainda experiência com processos de educação a distância, trabalhando junto a UAB-Unimontes. Experiência junto à Comissão Especial de Processo Seletivo, da Unimontes, atuando na seleção de obras literárias e na elaboração de questões para o Programa de Avaliação Seriada de Acesso ao Ensino Superior (PAES) da instituição. Atualmente, trabalha como Professor de Ensino Superior na Universidade Estadual de Montes Claros.

Recebido em maio de 2021

Aprovado em dezembro de 2021